



Evento	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2014
Local	Porto Alegre
Título	COPARENTALIDADE: ASSOCIAÇÕES COM SINTOMAS EXTERNALIZANTES E INTERNALIZANTES DOS FILHOS
Autor	ALLANA GESSIELE MELLO-SILVA
Orientador	CLARISSE MOSMANN
Instituição	UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Nas últimas décadas houve uma evolução significativa das pesquisas acerca dos efeitos do funcionamento familiar no desenvolvimento infantil. Identifica-se a inclusão das dimensões da conjugalidade e da coparentalidade dos pais como tendo importantes reverberações, sejam elas positivas ou negativas, na saúde mental e comportamento dos filhos. Define-se coparentalidade como o envolvimento conjunto e recíproco dos pais na educação, formação e decisões sobre a vida dos seus filhos. Neste sentido, investigações sobre o subsistema coparental significam avanços na área, pois atualmente, na literatura nacional, os estudos que têm por objetivo maior compreensão da coparentalidade são voltados para o contexto do divórcio, tendo sido pouco explorado em famílias nucleares. Portanto, este estudo tem por objetivo investigar a relação da coparentalidade com os sintomas internalizantes e externalizantes dos filhos em famílias nucleares. Realizou-se um estudo descritivo de caráter quantitativo e transversal, com 200 sujeitos (100 homens e 100 mulheres), com idade média de 41,81 anos (DP=7,82), tempo médio de união de 18,26 anos (DP=6,68), residentes no estado do RS. Entre os participantes, 91,5% possuem entre um e dois filhos, o filho sobre o qual responderam os questionários tem idade média de 11,3 anos (DP=4,25), sendo 59,5% do sexo masculino e 40,5% do sexo feminino. O instrumento utilizado constituiu-se de um questionário de dados sócio-demográficos, a Escala de Relação Coparental – ERC e o *Child Behavior Checklist – CBCL*. O CBCL fornece um escore bruto o qual permite uma categorização dos sintomas psicológicos das crianças. Para a população brasileira, o percentil 90 define a população clínica da amostra. Com base nesta classificação, os resultados indicam que 10% das crianças da nossa amostra são consideradas casos clínicos. A análise dos dados foi realizada através do teste ANOVA que analisou as diferenças da dimensão da coparentalidade entre dois grupos de crianças: um grupo com sintomas internalizantes e sem sintomas e o outro com sintomas externalizantes e sem sintomas. Quando se analisa separadamente as variáveis que compõem a dimensão da coparentalidade no grupo com sintomas internalizantes, encontra-se diferença significativa entre o acordo coparental ($p=0,001$), conflito coparental ($p=0,002$), suporte coparental ($p=0,022$), competição coparental ($p<0,001$) e aprovação coparental ($p=0,011$). Este grupo apresentou média maior no conflito coparental ($m=0,99$; $dp=0,86$) e competição coparental ($m=1,33$; $dp=1,43$). Já o grupo sem sintomas internalizantes apresentou média maior no acordo coparental ($m=4,68$; $dp=1,23$), suporte coparental ($m=4,94$; $dp=1,04$) e aprovação coparental ($m=5,18$; $dp=0,76$). A análise no grupo com sintomas externalizantes aponta diferença significativa entre todas as variáveis: acordo coparental ($p<0,001$), proximidade coparental ($p=0,003$), conflito coparental ($p<0,001$), suporte coparental ($p<0,001$), competição coparental ($p<0,001$) e aprovação coparental ($p<0,001$). O grupo com sintomas externalizantes apresentou média maior no conflito coparental ($m=1,21$; $dp=0,99$) e competição coparental ($m=1,56$; $dp=1,46$). E o grupo sem sintomas externalizantes apresentou média maior no acordo coparental ($m=4,76$; $dp=1,20$), proximidade coparental ($m=5,07$; $dp=0,84$), suporte coparental ($m=5,04$; $dp=0,98$) e aprovação coparental ($m=5,24$; $dp=0,71$). Os resultados obtidos através deste estudo mostram que os pais das crianças sem sintomas apresentam maior sintonia no compartilhamento da parentalidade, assim como se apoiam e respeitam mutuamente relação aos cuidados do filho, pois apresentam médias maiores nas variáveis positivas das dimensões da coparentalidade. Em contrapartida os pais do grupo com sintomas apresentam menor adaptabilidade em relação ao manejo das crianças, falham no suporte um ao outro, o que se expressa em conflito e práticas educativas contraditórias, que repercutem na saúde mental dos filhos. Estas interações, embora ainda necessitem de mais estudos, endereçam importantes agendas para a saúde mental das crianças ao evidenciar a qualidade da coparentalidade como significativamente relevante para o desenvolvimento saudável dos filhos. Desta forma é fundamental que seja enfocada como fator de proteção para o funcionamento familiar.